



DELEUZE-GUATTARI E O APRENDIZADO ATRAVÉS DA GEOFILOSOFIA

Deleuze-Guattari and the learning through geophylosophy

Luiz Manoel Lopes

Professor adjunto de filosofia da Universidade Federal do Cariri- campus Juazeiro do Norte

manoel.lopes@ufca.edu.br

Resumo: O propósito deste artigo é apresentar as contribuições de Deleuze-Guattari para pensarmos as relações entre povo, terra e território. O motivo desta apresentação incide sobre os aparecimentos de novos modos de convívios entre os povos que habitam as regiões mais assoladas pelas diferenças climáticas e aridez dos territórios. O artigo tem como preocupação sublinhar que não podemos ensinar filosofia sem ao menos aprendermos a tornar relevantes tais relações, sobretudo enfatizando as soluções produzidas populações que habitam o semiárido brasileiro nestes últimos vinte anos.

Palavras-chaves: Geofilosofia. Deleuze-Guattari. Povo. Território. Semiárido.

Abstract: The purpose of this article is to present the contributions of Deleuze-Guattari to think about the relations between people, land and territory. The reason for this presentation is the appearance of new ways of living together among the peoples who live in the regions most affected by the climatic differences and aridity of the territories. The article has as a concern to emphasize that we can not teach philosophy, without even learning to make such relations relevant, especially emphasizing the solutions that the populations that inhabit the Brazilian semi-arid have generated in recent years.

Keywords: Geophysics. Deleuze-Guattari. People. Territory. Semi-arid.

Os exercícios de pensamento provocados por Deleuze-Guattari em “*O que é a filosofia?*” nos levam em direção à imanência. Não podemos deixar de sublinhar os destaques que estes pensadores dispensam para que os seus esforços, em pensar à filosofia de outro modo, sejam considerados como fazendo parte das relações entre povo e território. De imediato, algumas indagações aparecem de modo a sucessivos e

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

quase infundáveis: *o que é povo, território, terra, princípios, linhagens, meios e movimentos?*

O que nos deixa em estado de perplexidade, quando das suas considerações, em torno do que denominam imanência, são os cuidados em destacar três idades da filosofia as quais são imprescindíveis para pensar o nosso tempo.

Na maioria das vezes, encontramos referências aos trabalhos de Deleuze-Guattari que apontam para aspectos da filosofia que são criticados por estes autores, costumeiramente tais alusões são direcionadas às filosofias que se detêm aos aspectos da representação.

No livro “*O que é a filosofia?*”, encontramos a preocupação destes pensadores em sublinhar não mais as críticas em relação às filosofias da representação, mas de enunciá-las em torno à imanência. *A eidética, a crítica e a fenomenológica* são tidas como idades da filosofia que deixam a imanência sempre rebaixada em relação à transcendência. Os autores destacam que *a contemplação, a reflexão e a comunicação* são os modos que estas três idades operam no exercício de subordinação da imanência. O ato de contemplar a objetividade da Ideia na filosofia platônica, assim como a atitude do sujeito refletir e decidir pela via da dedução (característico da filosofia kantiana) e aquele de buscar, através do sujeito (reduzido de modo transcendental como na fenomenologia) à comunicação com o outro, não passam de meios de fazer a transcendência preponderar sobre a imanência.

No nosso propósito de apresentar tais relações, trataremos de indicar as vizinhanças entre transcendência e contemplação na filosofia antiga, destacando um texto de Gilles Deleuze em que aparece a importância de pensarmos as relações entre as Ideias. O texto de Deleuze “*Platão, os gregos*” nos leva ao problema da participação, da transcendência, da contemplação e da objetividade da Ideia. Neste sentido é que Deleuze fala da primeira idade da filosofia enquanto eidética. Vejamos o texto:

O platonismo aparece como uma doutrina seletiva, seleção dos pretendentes, dos rivais. Toda coisa ou todo ser pretendem certas qualidades. Trata-se de julgar a pertinência ou da legitimidade das pretensões. A Ideia é colocada por Platão como aquilo que possui como qualidade em primeiro lugar (necessária e universalmente), ele deverá permitir, garantir graças a algumas provas, determinar aquilo que possui a qualidade em segundo lugar, em terceiro, conforme a natureza da participação. (Deleuze, 1997, p.153-154).

A filosofia, na perspectiva de Deleuze-Guattari, remete aos exercícios de imanência que evitem cair na sedução de reavivar a transcendência. A posição dos autores incide em destacar que o pensamento filosófico consiste na criação de conceitos e personagens conceituais a partir de um plano de imanência. No dizer destes pensadores, o platonismo

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

restitui a transcendência; porém, como transcendência propriamente filosófica. A doutrina da participação permite que toda coisa existente seja qualificada pela Ideia:

O pretendente legítimo é o participante, aquele que possui em segundo lugar, aquele cuja pretensão é validada pela Ideia. O platonismo é a Odisseia filosófica que se prolonga no neoplatonismo. Ora, ele afronta a sofística como seu inimigo, mas também como seu limite e seu duplo: por pretender tudo ou qualquer coisa, o sofista corre sério risco de confundir a seleção, de perverter o juízo. (Deleuze-, 1997, p.153-154).

Na sequência deste texto, logo após as citações colocadas em relação ao pensador do acontecimento, da diferença, começamos por apresentar aspectos que aparecem no livro “*O que é a Filosofia?*”, tais considerações fazem parte do capítulo cujo título é *Geo-filosofia*; trata-se da relação entre transcendência e imanência no aparecimento da filosofia em território grego. Nestas pontuações, os autores indagam: em que medida a Grécia é a terra ou o território da filosofia? A questão remete justamente aos meios de imanência que passaram acontecer nas cidades gregas em distinção aos Estados despóticos e arcaicos. A problematização em torno da transcendência e imanência levamos às considerações sobre o que os autores tratam neste capítulo; as relações entre Estado e Cidade aparecem com ênfase, sobretudo por remeter ao aparecimento da filosofia em território grego.

Os Estados e as Cidades tem frequentemente sido definidos como territoriais, substituindo o princípio das linhagens pelo princípio territorial. Mas não é exato: os grupos de linhagens podem mudar de territórios. Só se determinam efetivamente desposando um território ou uma residência numa linhagem local. (Deleuze-Guattari, 1997, p.115).

O que podemos dizer, nestas linhas citadas, é que as relações entre povo e terra começam por ser pensadas associadas aos movimentos de deixar e chegar num território. As relações entre Estados e Cidades deixam de ser pensadas daquele modo em que se considerava apenas que o Estado Despótico Imperial pertencia às linhagens privilegiadas. As linhagens não são somente pensadas nas sociedades bárbaras despóticas, mas também naquelas ditas “primitivas” em que as relações entre corpo, mente e palavra deixam entrever como ocorrem os processos de constituição dos modos de vidas coletivos em tais sociedades.

As relações entre Estado e Sociedade remetem aos meios em que o corpo e a mente são direcionados em relação aos códigos e sobrecódigos. Os sistemas de codificação dos corpos, nas sociedades primitivas, operam com o intuito de gerar memórias de

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

palavras e corpos coletivos. Nestas sociedades, os corpos são codificados através do sistema de gravação, inscrição e escarificação: a mnemotécnica como tecnologia de produção de memória coletiva, através da codificação dos corpos: a palavra inscrita na superfície da pele asseguraria à memória de palavras. Nas sociedades bárbaras imperiais, os corpos são sobrecodificados, o momento do Estado. As análises apressadas consistem em dizer que os princípios territoriais começam por substituir os princípios de linhagens. No capitalismo tais sistemas deixaram de existir passando a ocorrer as axiomatizações dos fluxos de desejos, corpos, moedas dentre outros.

Deleuze-Guattari ao pensarem o aparecimento da filosofia, não o fazem substituindo os princípios de linhagens pelos territoriais, a geofilosofia não é uma busca de princípios, não é uma busca de arkhés, não é uma arqueologia nem muito menos um genealogia. A geo-filosofia aponta para os exercícios de pensamentos que procuram cartografar os movimentos, os meios, em que a imanência torna-se o plano da filosofia. Quando um povo, uma linhagem, deixa um território e chega em outro? Quais foram os acontecimentos, as diferenças, que forçaram um povo à desterritorialização? Vejamos e leiamos com atenção à próxima citação:

O Estado e a Cidade ao contrário operam uma desterritorialização, porque um justapõe e compara os territórios agrícolas remetendo-os a uma Unidade superior aritmética e o outro adapta a uma extensão geométrica prolongável ou circuitos comerciais, O *Spatium Imperiale* do Estado ou a extensão política da cidade é menos um princípio territorial do que uma desterritorialização que captamos ao vivo quando o Estado se apropria do território, dos grupos locais ou então quando a cidade ignora sua hinterlândia; a reterritorialização se faz num caso sobre o palácio e seus estoques no outro sobre a ágora e suas rotas mercantis. (Deleuze-Guattari, 1997 p.115).

Deleuze-Guattari assinalam que as relações entre transcendência e imanência são movimentos de desterritorialização que se fazem ora, tendendo para as alturas como no caso do Estado Bárbaro Imperial; ora, tendendo para as superfícies que se apresentam entre relevos e acidentes geográficos. No caso das cidades gregas: os componentes marítimos e terrestres possibilitaram encontros entre povos, tais encontros, em meios às superfícies e relevos, possibilitaram vários deslocamentos de povos; tais deslocamentos geraram, de modos contingentes, novos territórios de imanência; tais territórios geraram discussões sobre os mais diferentes e diversos problemas acerca do convívio dos povos entre si, e também com seus territórios..

Não podemos esquecer que estes componentes não remetem às buscas de uma origem, não se trata de arqueologia. Neste sentido, os autores pensam a geofilosofia como inseparável de movimentos de desterritorialização entre relevos, acidentes e encontros com os meios em que o gosto pelas conversações, pelas trocas de opiniões

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

ocorre de modo imanente sem que o privilégio de castas possa impor-se de modo absoluto. Vejamos mais uma citação:

Dir-se-ia que a Grécia tem um estrutura fractal tão próxima do mar está cada ponto da península e tão grande é o comprimento das costas. Os povos egeus, as cidades da Grécia antiga, sobretudo Atenas a autóctone, não são as primeiras a ser ao mesmo tempo bastante próximas e bastante distante dos impérios arcaicos orientais para poderem aproveitar-se deles em seguir seu modelo: em lugar de se estabelecer em seus poros, elas buscam um novo componente, fazem valer um modo particular de desterritorialização, que procede por imanência, formam um meio de imanência. (Deleuze-Guattari, 1997, p.115).

Deleuze-Guattari destacam os movimentos e meios que permitiram o aparecimento da filosofia, os movimentos de desterritorialização e os meios de imanência são sublinhados como modos de avaliarmos à relação do pensamento com a vida dos povos em seus territórios, tanto em suas saídas quanto em suas chegadas. O que seriam os movimentos de desterritorialização e os meios de imanência? Não podemos deixar de responder que são ambientes em que os homens que trabalham com técnicas (tekhné), com produções (poiesis) encontram liberdades que não ocorriam nos antigos impérios despóticos. Não somente, os produtores de artesanatos encontram liberdade, nestes meios de imanência, os mercadores também se sentem livres para interporem seus produtos adquiridos entre os migrantes; nestes ambientes, os filósofos, enquanto estrangeiros, encontram meios propícios para exporem seus pensamentos em meios às opiniões cidadinas.

Deleuze, em *Lógica do Sentido*, afirma que a filosofia é filha da cidade. No caso, vemos que as cidades gregas propiciaram meios de imanência. Neste sentido, Deleuze e Guattari ressaltam que a cidade de Atenas apenas possibilitou encontros contingentes entre diversos povos desterritorializados.

É como um mercado internacional nas bordas do oriente que se organiza entre uma multiplicidade de cidades independentes ou de sociedades distintos, mas ligadas umas às outras, onde os artesãos e os mercadores encontram um a liberdade, uma mobilidade que os impérios lhe recusavam (Deleuze-Guattari, 1997, p.115).

A mobilidade quer dizer movimentos de desterritorializações em meios de imanência. Não podemos jamais retornar às afirmações que permeiam os estudos sobre o aparecimento da filosofia nos territórios gregos, privilegiando somente à transcendência enquanto ao aspecto teórico que configuraria o povo grego como

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

singular em relação aos demais, mesmo que estes povos tenham tido contato e papel importante na utilização prática da “geometria” e da “astronomia”. O modo de fazer filosofia na imanência nos remete não para vasculhar os princípios originários, os quais estariam situados e escondidos num lugar qualquer, mas para os afazeres que geram movimentos de fugas em relação aos territórios dominados por transcendências que inviabilizavam as conversações e diálogos. Vejamos mais uma citação do texto de Deleuze.

Esse problema tem sua fonte na cidade. Por recusarem qualquer transcendência imperial bárbara, as sociedades gregas, as cidades (mesmo no caso das tiranias) formam campos de imanência. Estes são preenchidos, por sociedades de amigos, isto é, rivais livres, cujas pretensões entram cada vez num âgon de emulação e se exercem nos domínios mais diversos: amor, política, magistraturas. (Deleuze, 1997, p.154).

O tema da pesquisa em Deleuze- Guattari, em que a imanência ganha tal relevância, aparece desde os escritos em “Lógica do Sentido” quando Deleuze afirma que a filosofia é filha da cidade e não dos bosques. Os meios de imanência aparecem em torno às discussões e opiniões. Não podemos esquecer as citações de Deleuze sobre o que pensa Jean Pierre Vernant no célebre “As origens do pensamento grego”. A imanência, diz Deleuze, sempre foi a questão dos filósofos, quando cita Vernant aponta o cuidado que este pensador teve em destacar que os filósofos instauraram um filtro, um plano, imanente ao caos.

O filósofo grego invoca uma ordem imanente ao cosmos, como o mostrou Vernant. Ele se apresenta como o amigo da sabedoria (e não como um sábio à maneira oriental). Propõe "retificar", tornar segura a opinião dos homens. São essas as características que sobrevivem nas sociedades ocidentais, ainda que aí ganhem um novo sentido, e que explicam a permanência da filosofia na economia de nosso mundo democrático: campo de imanência do "capital", sociedade dos irmãos ou dos camaradas que cada revolução invoca. (Deleuze, 1997, p.154).

A mobilidade nada mais quer dizer do que movimentos de desterritorialização em meios de imanência. Não podemos deixar de sempre retornar às afirmações que permeiam as relações entre imanência e transcendência quando do aparecimento da filosofia em territórios gregos. O modo de aprendermos geofilosofia remete não para a busca de princípios, mas para o acompanhamento dos movimentos que geram desterritorializações e reterritorializações em meios de imanência. Todavia, o que impediu a desterritorialização absoluta da filosofia como experimentação na imanência, foi justamente a criação de um reterritorialização que reaviva a transcendência. Tal

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

restauração deve-se à ambigüidade que caracterizava as disputas por poder na cidade democrática.

Mas o que Platão critica na democracia ateniense é que todo mundo aí pretende não importa o que. Donde seu empreendimento de restaurar critérios de seleção entre rivais. Ele se verá obrigado a erigir um novo tipo de transcendência, diferente da transcendência imperial ou mítica (ainda que ao utilizar o mito Platão tenha lhe atribua uma função especial). Terá de inventar uma transcendência que se exerce e se encontra no próprio campo de imanência: tal é o sentido da teoria das Ideias. E a filosofia moderna não cessará de seguir Platão nesse aspecto: reencontrar uma transcendência no seio do imanente como tal. O presente envenenado do platonismo foi ter introduzido a transcendência em filosofia, ter dado a transcendência um sentido filosófico plausível (triumfo do juízo de Deus). Esse empreendimento entra em choque com muitos paradoxos e aporias que concernem precisamente ao estatuto da doxa (Teeteto), a natureza da amizade e do amor (Banquete), a irredutibilidade de uma imanência da Terra (Timeu).” (Deleuze, 1997, p.154).

No aprendizado, a partir da geofilosofia de Deleuze-Guattari, sempre encontramos estas vias de cisão entre a transcendência e a imanência. O que nos chama atenção é como a decisão de por qual via devemos seguir, esta implica no processo de seleção como um meio extremamente singular para não dizer vertiginoso.

Qualquer reação contra o platonismo é um reestabelecimento da imanência em sua extensão e em sua pureza, que proíbe retorno de um transcendente. A questão é saber se tal reação abandona o projeto de seleção dos rivais, ou, ao contrário, como acreditavam Spinoza e Nietzsche estabelece métodos de seleção inteiramente diferentes: estes não incidem sobre as pretensões como atos de transcendência, mas sobre a maneira pela qual o existente se enche de imanência (o Eterno Retorno, como a capacidade de alguma coisa ou de alguém de retornar eternamente). A seleção não recai sobre a pretensão, mas sobre a potência. A potência é modesta, contrariamente à pretensão. Na verdade, só escapam ao platonismo as filosofias da imanência pura: dos estoicos a Spinoza ou Nietzsche. (Deleuze, 1997, p.154).

Na sequência das leituras os textos de Deleuze-Guattari sobre a imanência, sobretudo quando relacionado ao pensamento de Spinoza, buscamos por em prática nossas atividades de ensino na região do Cariri Cearense. A partir da elaboração de projetos de pesquisas e de extensão envolvendo professores e estudantes do ensino médio e superior, começamos por entender que os temas que Deleuze-Guattari enfatizam como àqueles que remetem para a terra e povo porvir, encontram-se presentes no que atualmente denomina-se “convivência com o semiárido. Em nossas

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

conversações, pelos sítios do Cariri cearense, sobretudo na zona rural de Juazeiro do Norte, encontramos muitos exemplos que são indícios desse povo e dessa terra porvir; os quais, de certo modo, encontramos em inúmeros territórios do semiárido brasileiro. Não podemos esquecer que Deleuze sempre alertou-nos que é voltar acreditar no mundo. O mundo tornar-se o povo e território onde vivemos. A partir destas considerações iniciais, propomo-nos apresentar nosso aprendizado através do que buscamos ao elaborar nossos projetos de pesquisa e extensão.

Geofilosofia e convivência com o semiárido

O tema da “convivência com o semiárido” caminha em consonância com o que Gilles Deleuze e Félix Guattari denominam de geofilosofia. Os autores alertam que é habitual quando estudamos filosofia, somente considerarmos o aspecto histórico e esquecermos o geográfico. Os autores propõem justamente tornar relevante este aspecto e por este modo destacam a relação entre povo e terra. No capítulo sobre este tema, apontam e propõe a preocupação com a relação entre povo e terra, Nos nossos projetos, procuramos considerar que a relação entre povo e esta terra é vista noutra perspectiva, a qual que já não é mais àquela que se denominava de “*combate à seca*”. Os verbos conviver e combater não fazem conjunções, mas apontam, para alternativas, decisões, escolhas, modos de pensar e agir sobre o território; no caso: o sertão, o semiárido. Conviver com o semiárido é ter um novo sentido do que acontece no sertão, visto com seu clima semiárido onde os índices pluviométricos são baixos e que somados à sazonalidade dificultam a vida dos que vivem nestes locais. No entanto, na perspectiva, no modelo, no paradigma denominado “*convivência com o semiárido*” alguns dados são de importância destacar, por exemplo, nesta perspectiva o povo deixa de ser visto como aquele que necessita de assistência por ser incapaz de resolver e dar soluções para as adversidades, e também por não possuir força de vontade e até força de pensar, criar, inventar e agir. O propósito do projeto é pensar mediante um novo paradigma diferente daquele do combate à seca. Neste sentido, a pesquisa em torno da geofilosofia será muito proveitosa, por ser a partir do contato com jovens estudantes do ensino médio que buscamos construir uma nova maneira de ensinar filosofia sem perder o foco com as peculiaridades da região.

O desafio atual de fazer filosofia, não pode deixar de considerar a relação entre pensamento, terra e território. Deleuze-Guattari mostram como a filosofia emerge na Grécia, reaparece na Europa (mais propriamente na França, Inglaterra e Alemanha) e por fim se reatualiza como índices anunciadores de um povo e uma terra por vir, a partir das resoluções de problemas que se levantam como obstáculos em meio aos da desertificação. As relações entre filosofia e os problemas que atormentam os habitantes das regiões que possuem clima semiárido e vegetação de caatinga parecem não ser comuns. No entanto, este projeto procura encontrar meios de relacionar o pensamento

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

filosófico às dificuldades e aos verdadeiros problemas que são enfrentados pelos habitantes das regiões afastadas do litoral. Ora, estas considerações remetem para uma Ideia arcaica e de um paradigma que estigmatizou os habitantes do semiárido. Os projetos buscam estudar *o paradigma da convivência com o semiárido* apontando para as inovações através de tecnologias sociais, e para a importância de estudar a geofilosofia enfatizando a relação entre povo e terra. O objetivo destes projetos é o de pesquisar o melhor meio de ensinar filosofia na região do Cariri cearense a partir do contato com suas peculiaridades, as quais envolvem diferentes populações nos mais diferentes municípios e distritos; cada qual possuindo os mais diferentes tipos de desafios, dentre estes à captação de água.

As aproximações entre *“geofilosofia”* e *“convivência com o semiárido”* são encaminhadas primeiramente mostrando as peculiaridades do modo como a filosofia aparece na Grécia, para em seguida detalhar a preocupação com o território. O aparecimento da filosofia é um acontecimento que sinaliza para o modo como os homens, numa dada época, começaram por solucionar seus problemas reunindo-se em discussões, em diálogos, que envolviam a participação dos cidadãos. O que caracterizava estas discussões era justamente o gosto pela amizade, pela sociabilidade. Nós podemos dizer que a filosofia ao aparecer na Grécia, sobretudo na cidade de Atenas deixou algo selado para compreendermos a importância do pensamento, ou seja, a filosofia traz com ela um meio de imanência, algo que não existia nas bordas do Oriente e mesmo em seus Estados vizinhos, os quais tinham sua formação social sustentada por um poder imperial e transcendente, sem que nenhuma decisão pudesse ser emitida a não ser por uma casta privilegiada. A cidade de Atenas é o local onde nasce a democracia, o povo passa a ter poder de decisão, nesta cidade é que pela primeira vez se dão as Assembleias e os Conselhos que discutem o futuro da pólis; a participação, salvo algumas exclusões, pertence aos cidadãos. A filosofia aparece neste lugar onde a palavra tem o poder de ser pública, onde todos os assuntos concernentes à vida da polis são tratados de modos diretos e transparentes. Nesse sentido, o percurso a ser percorrido visa gerar meios de compreensão como o problema do aparecimento da filosofia está diretamente ligado à cidade e aos movimentos de desterritorialização compreendidos como as saídas de povos de um território em direção a outros territórios.

Os projetos seguem por percursos em que varias vias serão abordadas, busca-se por estas vias aproximações entre os movimentos que propiciaram o aparecimento da filosofia nas cidades gregas e os movimentos religiosos que possibilitaram, por exemplo, o surgimento da Cidade de Juazeiro do Norte. A geofilosofia, proposta por Deleuze e Guattari, serve como uma destas vias de pesquisa justamente por apresentar os conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, os quais são conceitos que expressam a problemática dos movimentos de povos que deixam um território e chegam em outro e ali procuram novos modos de expressão. A desterritorialização, segundo os autores, pode ser absoluta ou relativa. Quando a

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

desterritorialização é absoluta, a relação ente pensamento e terra, entre pensamento e Natureza, entre pensamento e Ser, passar a ser expressa através de conceitos, já a desterritorialização relativa é aquela que expressa, as ditas relações, através de figuras.

A desterritorialização relativa diz respeito ao pensamento religioso e a desterritorialização absoluta remete ao pensamento filosófico e a produção de conceitos. No decorrer do projeto, uma vez que propomos salientar a importância da relação entre povo, terra e território, procuremos produzir cartografias, mapeamentos, dos sítios que encontram-se próximos da estátua do Padre Cícero, localizada na Colina do Horto, na Serra do Catolé.. O nosso projeto visa construir uma metodologia em que pesquisaremos os mapas existentes sobre a região do Caririense, daremos ênfase na proximidade entre a zona rural e a zona urbana de Juazeiro do Norte. Neste propósito, procuraremos gerar um constructo para que tenhamos novas maneiras de nos orientar entre a zona rural e a zona urbana de Juazeiro do Norte. Os mapas encontrados servirão para a elaboração de outros mais atualizados.

O projeto busca encontrar, em sítios da zona rural, inicialmente naqueles próximos à zona urbana de Juazeiro do Norte, pontos relevantes que permitam avaliar como se deu o povoamento do local, sobretudo delineando as tecnologias hídricas. A partir de tais levantamentos, escolheremos alguns conceitos sobre o modo como tais populações procuravam solucionar os problemas da escassez de água. O tema da convivência com o semiárido encontra-se com a geofilosofia, por ser nesta confluência que não podemos mais nos orientar pelo paradigma do combate à seca. Neste projeto, as populações que convivem nos territórios do semiárido ganham um novo sentido.

No Cariri, localizado na região Sul do Ceará, existem municípios que sofrem com o problema da seca, mesmo nos municípios de Juazeiro Norte, Crato e Barbalha encontramos locais assolados pela seca. Neste sentido, os movimentos de desterritorializações, que ocorrem no período de romarias, possibilitam pesquisas sobre o semiárido relacionadas à geofilosofia de Deleuze-Guattari.

Nesta vasta região do Nordeste denominada de sertão, com vegetação de caatinga e clima semiárido, aparece a região do Cariri Cearense como um oásis. Neste local, inúmeras migrações ocorreram e continuam a ocorrer. Portanto, neste oásis assistimos algo de peculiar ocorrer para que múltiplas pesquisas sejam desenvolvidas no futuro. Todavia, como sinalizamos, no início, não poderemos fazer filosofia nesta região, sem considerar o que a caracteriza em termos de singularidade. Na região, encontramos desde os sítios arqueológicos até os ambientes religiosos, místicos e metafísicos; sendo importante observar que a própria geografia do lugar possui uma história que remete para elementos geológicos e paleontológicos. A produção de científica nesta região jamais pode ser feita sem aproximar as ciências humanas das ciências exatas e biológicas. As pesquisas futuras devem ser feitas de modo a comemorar, numa espécie de memória comum e coletiva, o sentido de habitar a região; para isto não se pode abrir mão da construção de novos modos de transmitir estas peculiaridades. Não podemos

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

também deixar de assinalar as inovações em termos de tecnologias sociais, como as cisternas de placas, que aparecem no semiárido a partir dos movimentos de desterritorialização. No semiárido, existem inúmeras inovações e dentre estas, as cisternas de placas aparecem com destaque, por tratar-se de uma inovação tecnológica que consegue produzir água como o meio de manter a vida daqueles que habitam as regiões mais remotas, para que possam estabelecer relações de convívio com a terra e saciar a sede. *A produção de água para beber e plantar é uma das soluções mais fantásticas nos últimos tempos no sertão.* Ora, se a casa é o meio de sair do caos, no sertão, no meio da aridez quase absurda, a cisterna é a dobra entre a casa e o cosmo: o aboio e o ritornelo. A metodologia dos projetos procura seguir percursos em que estes aspectos possam ser relevantes para o ensino da filosofia na região do Cariri cearense. A contribuição inovadora que estes projetos se propõem é inicialmente o mapeamento dos sítios localizados próximo à estátua do Padre Cícero, localizado na Serra do Catolé. As construções destes mapas permitirão uma melhor orientação para o acesso aos sítios da região. A contribuição destes mapas não é outra do que aquela que remete para o futuro da região em termo de geração de novas formas de existências, sociabilidades, afetividades e subjetividades. As populações que habitam os sítios devem ter a garantia que o meio ambiente deve ser preservado assim como o seu patrimônio arquitetônico. Neste sentido, o projeto visa contribuir para que as futuras gerações tenham novos sentidos sobre a região do Cariri cearense.

A partir deste propósito começamos por apresentar em que consistem estes novos modos de convívios das populações com os problemas peculiares à região semiárida e quais as estratégias selecionadas para contornar adversidades.

A partir da década de 1990 emergem várias organizações e movimentos sociais como atores que incidem substancialmente na alteração das condições estruturais do Semiárido brasileiro. Esses atores, alguns deles já vinham de um longo período de resistência popular e outros surgiram nesse período, passam a propor ao Estado brasileiro um conjunto de processos e ações proativas na busca de soluções que valorizem o bioma caatinga com suas potencialidades e apontem para múltiplas alternativas de convivência com Semiárido em suas diversas dimensões. Trata-se de desenvolver formas sustentáveis que potencializem as condições e recursos naturais, fortaleçam os valores culturais e contemplem as questões de gênero e geração a partir das realidades específicas da região. Dessa forma, a convivência se torna possível com a implantação de ações que incrementam a produção da agricultura familiar de acordo com as variações climáticas da região e proporcionam qualidade de vida à população. (CONTI, I e SCHROEDER, E, 2013, p.20).

O aprendizado, através da geofilosofia de Deleuze-Guattari, consiste na compreensão de que os verdadeiros problemas solicitaram aos moradores do semiárido

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

novos modos de pensar nas suas soluções. Neste propósito, destacamos a importância de *Manoel Apolônio de Carvalho, o inventor e criador das cisternas de placas, um habitante do semiárido, do sertão*; o qual teve seu nascimento na cidade *Jeremoabo, no estado da Bahia*, tendo crescido na cidade de *Simão Dias, em Sergipe*; quando jovem assistiu aos perecimentos de muitas vidas devido à escassez de chuvas e ao avanço da desertificação proporcionado pela seca. A sua vida, como a de vários moradores desta região, consistiu em dobrar as adversidades climáticas e econômicas. No entanto, quando de sua ida para São Paulo, para trabalhar na construção civil, viu pela primeira o “cimento” e o modo como era preparado para tornar algo erguido e durável. Manoel Apolônio de Carvalho, mais conhecido como “*Nel*”, teve a Ideia de construir um reservatório para assegurar à captação de águas das chuvas, para facilitar a vida das populações que sofrem com as estiagens, com os agravamentos das dificuldades de conviver no calor escaldante do sertão.

O aprendizado que tiramos de nossas pesquisas sobre a geofilosofia de Deleuze-Guattari, relacionada à convivência com o semiárido, é o seguinte: as soluções mais viáveis e importantes saem das populações que habitam os territórios que possuem os maiores problemas de convívio com seu entorno, com seu meio, com seu solo, clima e vegetação. O aprendizado leva-nos a considerar que o inventor das cisternas de placas, a partir das convivências com tais problemas, foi levado à Ideia e conseqüentemente ao modo mais adequado de atualizá-la sobre uma matéria. A concepção desta tecnologia social hídrica é um exemplo de que somente os encontros, com os verdadeiros problemas, nos leva à produção de novas maneiras de pensar, sentir, ver, ouvir, existir e resistir. O nosso aprendizado consiste em agenciamentos com as populações que habitam os territórios do semiárido brasileiro, através dos nossos Projetos de Bolsas de Iniciação Científica: “Spindelgua - Pesquisas Filosóficas em Spinoza, Deleuze e Guattari” e aquele que atua junto aos estudantes do ensino médio cujo título é “Geofilosofia e convivência com o semiárido”. Os agenciamentos destes projetos possibilitam aos bolsistas pensar melhor a região em que vivem.

REFERÊNCIAS

CONTI, I e SCHROEDER, E. **Estratégias de Convivência com o Semiárido Brasileiro**: Textos e Artigos de Alunos (as) Participantes/Irio Luiz Conti e Edni Oscar Schroeder (organizadores). Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAURGS/REDEgenteSAN/Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade – IABS/Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID/Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS / Editora IABS, Brasília-DF, Brasil – 2013a.

_____. **Convivência com o Semiárido Brasileiro**: Autonomia e Protagonismo Social. Editora IABS, Brasília-DF, Brasil – 2013b.

Deleuze-Guattari e o aprendizado através da geofilosofia

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 2 ed. tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora34, 1996. v.1.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora34, 1995. v.2.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Editora34, 1996. v.3.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora34, 1997. v.4.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora34, 1997. v.5.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1997.